



sesc^{tv}

Junho/2015 - edição 99
sesctv.org.br/aovivo

MÚSICA
**DIVERSIDADE DE
GÊNEROS E ESTILOS
EM SHOWS E
DOCUMENTÁRIOS,
DO CHORO AO NU JAZZ**

ENTREVISTA
**KICO SANTOS:
POESIA URBANA EM
CURTAS-METRAGENS**



movimento
VIOLÃO



TERÇAS, ÀS 20H

Trio Opus 12

Dia 7/7

Marco Pereira

Dia 14/7

Josias Mueller e Vitor Noah

Dia 21/7

Paulo Pedrassoli

Dia 28/7



Acompanhe o SescTV:
sesc.tv.org.br



/SESCTV

Compreender o universo cultural, em seu conceito mais abrangente, implica assimilar uma de suas características mais intrínsecas: a fusão de linguagens. A mistura e a intersecção presentes na música rompem fronteiras de nomenclaturas e classificações, gerando novos arranjos e expressões artísticas, numa pluralidade de estilos, propostas, grupos e sotaques, que se recombina e se reinventa de infinitas maneiras, constituindo-se como parte de um universo simbólico mais abrangente. Assim, novas paisagens sonoras vão sendo criadas e apropriadas por outras linguagens, como o teatro, a dança e as artes visuais, tornando possíveis inéditas narrativas.

Neste mês, o SescTV propõe um passeio por diferentes gêneros musicais, com uma programação de documentários e de espetáculos que têm a música como foco central. Dois concertos para piano solo, gravados durante o Festival Sesc de Música de Câmara, em 2014, mostram a tradição da música erudita, em interpretações de Cristina Ortiz e Cristian Budu. O espetáculo com o violonista Giacomo Bartoloni abre a nova temporada da série Movimento Violão, projeto realizado em diversas unidades do Sesc que apresenta as virtuosas deste instrumento, em repertório com composições nacionais e estrangeiras.

Dois documentários inéditos também tratam de música. *Alemanha Groove* apresenta um panorama sobre o Nu Jazz, estilo surgido nos anos 2000 que mistura as músicas latina, cigana, drum & bass e a bossa nova brasileira ao jazz americano. O filme *Espia Só*, também na programação deste mês, traz o legado do músico gaúcho Octavio Dutra, adepto do choro.

A **Revista do SescTV** deste mês entrevista o cineasta Kico Santos, idealizador do projeto de microdocumentários urbanos *Cinema de Rua*, exibidos nos intervalos da programação do SescTV. O artigo do jornalista e crítico musical Jotabê Medeiros discute a relação entre música e televisão. Boa leitura!

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: Documentário *Espia Só*, direção de Saturnino Rocha
Foto: Alexandre Freitas

ÍNDICE

DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4

ENTREVISTA – Kico Santos 8

ARTIGO – Jotabê Medeiros 10

Notas em releitura

FOTO: ALEXANDRE FREITAS



Os hábitos pessoais e sociais de um artista, bem como o contexto histórico em que viveu, ajudam a compreender melhor seu legado e a importância a ele conferida. No caso do compositor gaúcho Octavio Dutra (1884-1937), essa importância foi redimensionada recentemente, quando estudiosos se debruçaram sobre itens até então não explorados de sua *memorabilia*, entre partituras, anotações e recortes de jornal. “Todo mundo que já teve contato com esse material ficou pensando em fazer discos, encenar essa obra, porque se sabe muito pouco da música de Porto Alegre antes de Lupicínio Rodrigues”, diz Arthur de Faria, um dos músicos e pesquisadores envolvidos na investigação. “Catalogar tudo é um trabalho para muitos anos.”

A geração de músicos porto-alegrenses da qual Dutra foi a figura mais central, a dos primeiros 30 anos do século XX, viveu uma fase de ostracismo, segundo Faria, pela precariedade dos meios físicos de registro sonoro à época. “Era um sistema mecânico ainda, de gravações muito rudimentares”, afirma. “As últimas de Octavio são de 1927.”

Octavio Dutra começou a carreira como professor de violão e bandolim. Era um tutor severo, como revelam

a sobrinha neta Sonia Paes Porto e o músico Raul Lima, cujo pai era amigo de Dutra. “Tio Octavio não admitia erro”, diz Sonia. “Ele era muito exigente, tinha uma varinha que ‘dava’ no dedo de quem errava”, conta Lima. Exercia ainda marcação cerrada sobre a mulher, Diamantina Figueiredo, que o inspirou a compor a música *Meu Ciúme*. “Estava sempre com um olho no violão e o outro nela”, segundo a sobrinha neta.

O rigor permeou uma produção extremamente prolífica, que abrangeu valsas, choros, peças do teatro de revista, jingles, trilhas para blocos de Carnaval, operetas e uma orquestração para a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, em 1926. “Nela ele registra, pela primeira vez, a integração de instrumentos tipicamente populares como violão e cavaquinho em uma música eminentemente erudita”, afirma o músico e pesquisador Márcio de Souza.

Detalhes sobre sua carreira e sua obra estão no documentário *Espia Só* – nome de uma de suas canções –, dirigido por Saturnino Rocha, que o SescTV exhibe neste mês. Com depoimentos de especialistas e conhecidos do “maestrino” – como era chamado – e números musicais, o filme apresenta um amplo perfil do compositor, envolvendo aspectos tanto de sua vida profissional como pessoal.

Octavio Dutra viveu seus últimos dias sem poder trabalhar, devido a uma paralisia na mão esquerda, e em uma situação de “quase miséria”, de acordo com Sonia. “Tanto é que ele morreu e não deixou absolutamente nada”, diz, referindo-se a uma herança de cunho financeiro, uma vez que a artística tem comovido mesmo músicos contemporâneos como Yamandu Costa, que participa do documentário *Espia Só*.

ESPIA SÓ, FILME DE SATURNINO ROCHA, FAZ NOVA INTERPRETAÇÃO DO LEGADO DO MÚSICO GAÚCHO OCTAVIO DUTRA

▶ DOCUMENTÁRIO

Espia Só

Dia 27/6, 22h **L**

Cadência germânica

FOTO: DIVULGAÇÃO



Nem sempre é possível estabelecer uma relação imediata entre soul music, charleston, música latina, jazz, funk, hip hop, música cigana, drum & bass e bossa nova. Mas são essas vertentes musicais tão diversas que se congregam para formar o Nu Jazz, estilo que se desenvolveu na Alemanha no começo da década passada.

Mas por que lá, se os berços desses tantos ritmos estão em outros lugares, como Estados Unidos, leste europeu e Brasil? “Acho que o povo alemão sempre foi muito curioso, muito interessado em outras culturas”, diz o produtor Bebo Best, da *Bebo Best & Super Lounge Orchestra*. Além disso, na opinião de Iain Mackenzie, cantor do *Club des Belugas*, os melhores músicos e produtores para o desenvolvimento dessa mescla sonora estão em território germânico.

A cena do Nu Jazz, de acordo com o DJ Gardener of Delight, começou no sul do país, valendo-se do acesso fácil que os artistas da região tinham a Viena, outro polo de riqueza cultural. “Atualmente está mais no centro da Alemanha, especialmente em Ruhrgebiet, Bochum, Essen, Dortmund, Wuppertal”, afirma. Foi em Wuppertal, aliás, que surgiu, em 1989, como selo de jazz e hip hop, o ChinChin Records, que hoje reúne os principais nomes do movimento e também conta com músicos italianos e brasileiros.

Um desses expoentes é o *Club des Belugas*, que mescla batidas sampleadas e sons eletrônicos com instrumentos tocados ao vivo. “Metade das faixas do grupo se baseia numa batida de samba ou bossa”, diz Martin Kratzenstein, fundador do ChinChin Records. “É muito interessante combinar essas batidas com o soul negro americano e arranjos e melodias jazzísticas. Essa combinação, aliada a cantores de jazz fantásticos como

Brenda Boykin, Anna Luca e Iain Mackenzie, é o que faz sucesso.”

E o sucesso, no caso, também se explica por se tratar de um gênero mais rítmico e acessível que o jazz tradicional. Ou, segundo Detlef Höller, guitarrista do *Club des Belugas*, o Nu Jazz pertence mais às ruas do que aos clubes de jazz. Contudo, para Brenda Boykin, sua música não é menos elaborada. “A harmonia é muito simples, muito básica, mas não necessariamente os ritmos são menos sofisticados”, afirma. “O jazz está sempre crescendo, é uma criança levada e desobediente que não se prende.”

A desobediência a fronteiras melódicas e geográficas chegou a São Paulo em junho de 2013 para o Festival *Alemanha Groove*, realizado no Sesc Pompeia, na capital paulista, e é tema de documentário inédito, com direção de Talita Miranda, que o SescTV exhibe neste mês. Um destino bastante apropriado para a “chance de viajar em sua mente”, que o grupo *De-Phazz* busca ao orquestrar um clima industrial com grooves macios. “É uma cidade super barulhenta, encaixa bem com a banda”, diz seu produtor, Pit Baumgartner.

NU JAZZ, ESTILO QUE MESCLA DIFERENTES GÊNEROS MÚSICAIS, É TEMA DO FILME ALEMANHA GROOVE

▶ DOCUMENTÁRIO

Alemanha Groove

Dia 11/6, 21h **L**

Piano forte

FOTO: DIVULGAÇÃO



A vocação e o interesse da baiana Cristina Ortiz pelo piano despontou cedo. Ela lembra de tocar *Parabéns a Você* em fá maior, aos três anos de idade, no aniversário do irmão mais velho, que completava sete anos. Aos 19, em 1969, Cristina já conquistava o primeiro prêmio do concurso internacional de piano Van Cliburn, nos EUA, e no ano seguinte se tornava aluna da pianista brasileira Magdalena Tagliaferro, em Paris.

Ganhar o mundo – radicou-se, aliás, na Inglaterra há muitos anos – não a afastou musicalmente do Brasil. É uma das maiores intérpretes de compositores como Camargo Guarnieri e Heitor Villa-Lobos, além de incluir nomes brasileiros menos conhecidos em seu repertório, como Lorenzo Fernandez e Frutuoso Vianna. Também é citada por sua leitura dos russos Shostakovich e Prokofiev e como solista ao lado de maestros como o indiano Zubin Mehta e o alemão Kurt Masur.

Foi também na infância que Cristian Budu descobriu seu interesse musical, ao tentar imitar o pai, músico amador, quando ele tocava Beethoven ao piano. Aos 25 anos de idade, Cristian tem se destacado por valorizar a improvisação – seguindo o exemplo de outros pianistas a quem admira, como Cortot, Richter, Schnabel e

Horowitz – e a integração com o público. Desenvolveu em Boston (EUA), onde estudou, o projeto Groupmuse, que promove saraus de música clássica em ambientes mais informais e intimistas, visando à aproximação entre os solistas e suas plateias.


Os dois instrumentistas estiveram em São Paulo, em novembro do ano passado, para apresentações solo durante o Festival Sesc de Música de Câmara, realizado pelo Sesc São Paulo, com curadoria de Claudia Toni. Os concertos foram gravados e serão exibidos neste mês, pelo SescTV, com direção para TV de Flávio N. Rodrigues.

Cristian Budu executa as composições de Beethoven: 3 Bagatelas Op. 33; Bagatela Op. 33 nº 6; Bagatela Op. 33 nº 7. De Schumann, escolheu Kreisleriana Op. 16. Completa o repertório a Valsa Mephisto nº 1, de Liszt.

Cristina Ortiz escolheu obras de compositores dos séculos 19 e 20, como Felix Mendelssohn, Frédéric Chopin e Claude Debussy. “A Cristina olha nesse programa um período muito característico da música do ocidente, da música europeia, que é o final do século 19 e o começo do século 20”, diz a curadora Claudia Toni. “Daí faz Granados, Ravel e Debussy. No caso do Granados, ela toca dois trechos da série Goyescas, inspirada em obras do Goya, o grande pintor espanhol”.

PROGRAMAS INÉDITOS APRESENTAM CONCERTOS SOLO DE PIANO DOS BRASILEIROS CRISTINA ORTIZ E CRISTIAN BUDU

▶ MÚSICA

Quartas, 22h 

Cristina Ortiz

Dia 10/6

Cristian Budu

Dia 17/6

Uma aula no palco

FOTO: ALICE VERGUEIRO



Para dar uma ideia de quão forte é a escola brasileira de violão, Giacomo Bartoloni considera o *status* que ela tem no exterior. “Outros instrumentistas saem daqui para serem alunos lá fora. O violonista sai como profissional.” Ele advoga em causa própria, mas não o faz sem sólido embasamento. Além de renomado violonista, construiu sua carreira na docência: foi quem fundou o departamento de violão da Unesp (Universidade Estadual Paulista), onde é professor desde 1987. “Ele tem muito mérito por o violão ser reconhecido dentro da universidade”, diz o também violonista Paulo Martelli.

Um dos projetos de Bartoloni surgiu justamente graças ao renome da música brasileira para esse instrumento: há mais de 20 anos o francês Frederic Bernard veio ao País para estudá-la e eles acabaram amigos, amizade que deu origem a um duo internacional.

O hábito de transmitir conhecimentos musicais foi um aprendizado bastante natural na vida de Giacomo, descendente de italianos. “Para o europeu, estudar música faz parte da formação da criança e do jovem”, afirma. “Sou o irmão do meio, e, como o mais velho e a caçula escolheram piano, eu optei pelo violão.” Sua decisão foi influenciada pelo advento da Jovem

Guarda. “Na época, o Roberto Carlos estava em plena ascensão”, diz. Era o ano de 1966. “Ao lado do colégio onde eu estudava, havia uma placa com os dizeres ‘Leciona-se violão’. Eu bati lá e era o professor Henrique Pinto [violonista clássico brasileiro]. Foi aí que começou a minha história.”

A preocupação didática aparece mesmo em suas apresentações, quando executa estudos como o *Ostinato*, que consiste na repetição de um elemento musical como pano de fundo para variações melódicas. Ele é o *Estudo n° 1* dos três que conta ter composto aos 18 anos, buscando atingir o nível dos do compositor cubano Leo Brouwer. “Grande pretensão. Não consegui, os dele são muito bons e simples, os meus nem são tão bons e são bastante difíceis.”

Uma das peças mais executadas de Bartoloni, *Ditirambo*, foi escrita em homenagem a Brouwer e está, bem como os três estudos citados, no show que o artista realizou no Sesc Bom Retiro em 2014, para o projeto Movimento Violão, série de concertos que destacam virtuosos desse instrumento, realizada nas unidades do Sesc. “Ao final do programa, ele fez um duo com um dos filhos, e depois um quarteto com os três filhos”, diz Martelli, produtor e curador da série. “No Brasil temos essa coisa de a música ser hereditária. Ele foi um grande professor e estendeu isso para a própria família.” O espetáculo com Giacomo Bartoloni abre a nova temporada do projeto no SescTV, que também apresenta, ainda neste mês, concerto com Regina Albanez.

GIACOMO BARTOLONI INTERPRETA COMPOSIÇÕES PRÓPRIAS EM EPISÓDIO INÉDITO DA SÉRIE MOVIMENTO VIOLÃO

▶ MOVIMENTO VIOLÃO

Terças, 20h **L**

Giacomo Bartoloni

Dia 23/6

Regina Albanez

Dia 30/6

Poesia que se vê

FOTO: ALEXANDRE NUNIS



KICO SANTOS é cineasta. Formado em Cinema pela Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP, é idealizador do projeto *Cinema de Rua*, que desenvolve microdocumentários urbanos – breves narrativas das cidades, sobretudo a de São Paulo, com linguagem poética e experimental – exibidos nos intervalos de programação do SescTV.

**A VISÃO POÉTICA DO
ESPAÇO URBANO, PARA NÓS,
REPRESENTAVA UMA LIBERTAÇÃO,
A LIBERDADE CRIATIVA TOTAL**

Como começou a trabalhar com audiovisual?

Cinema, vídeo e produção sempre me cativaram muito. Meu pai foi metroviário e, quando se aposentou, passou a se dedicar a produções em vídeo. A referência dele foi muito importante. Eu queria muito estudar cinema, mas não tinha como bancar a faculdade. Só consegui quando fui concursado pelo Tribunal de Justiça, por cinco anos, exatamente durante o curso de cinema. Escrevi muito roteiro no tempo em que ficava ocioso e comecei a fazer curtas. Fui trabalhar no Núcleo de Apoio em Pesquisa Escola do Futuro, da USP, em 2001, onde fazia vídeos documentários pequenos, de três minutos, com professores e alunos. Eram sobretudo com as pessoas falando, algo que tem muito a ver comigo – ouvi-las e transformar isso em um material interessante. Em 2006, montei a Prompt Filmes com a Priscilla Ballarin, que era minha mulher. Foi quando comecei a cuidar de vídeo em tempo integral.

Como surgiu a proposta do *Cinema de Rua*?

Tudo começou em um trabalho de pesquisa na Bahia, entre 2005 e 2006, para o Instituto Crescer, da Vale do Rio Doce, sobre o sucateamento da rede ferroviária. A pesquisa era toda anotada em papel, mas eu levei uma câmera de mão para filmar também. Em São Félix, cidade do Recôncavo Baiano, editei uma pílula de um maquinista e o resultado foi muito marcante, trouxe um impacto visual para as pessoas, não de imagem, mas da figura. Aí você vê que o que

importa mesmo é a vida. Ele, a postura dele, o jeito com que ele me mostrou a estação de trem, a ruína ali. Resumir seus anseios e sua história de vida em três minutos de narrativa foi muito importante. Ali resolvi que trabalharia com vídeo, mesmo com poucos recursos. Poucos anos depois, na produtora, fazendo institucionais para o mercado corporativo, um amigo que trabalhava comigo, o *videomaker* Fabio Nicolaus, disse que precisávamos fazer alguma coisa autoral, e passei a produzir vídeos curtos, sem pretensão comercial. Na primeira Virada Cultural de São Paulo, ganhei uma edição temática do Festival do Minuto com o vídeo *Saltadores*. Em outra ocasião, filmei um passeio de carrinho de rolimã de meu filho, que estava com uns dez anos, pelo Minhocão. Esse vídeo foi um dos primeiros que publicamos no blog do *Cinema de Rua*, em 2007. Começava a surgir aí a coisa do cotidiano. Um dia fiz um *take* de um gavião parado na antena do prédio vizinho. De repente, caiu um raio e o gavião saiu voando. As imagens originaram *A Chuva*, o primeiro vídeo feito especialmente para o projeto. Já fizemos 99 no total.

As ideias dos filmes passaram a ser roteirizadas de alguma outra forma?

Nós roteirizamos mentalmente. É o olho aberto para o momento. Quando filmei um casal de velhinhas em uma excursão na Capadócia, fui roteirizando na hora, no momento da filmagem, porque sabia como deveria contar aquela história. Com atores, você pressupõe o roteiro; com a realidade, é o recorte que consegue fazer. O que faz o filme ficar legal é a intenção, o ímpeto. Se ficar planejando muito, não acontece.

Com relação à temática dos curtas do *Cinema de Rua*, há um equilíbrio entre pura poesia urbana e discussões sociais?

A visão poética do espaço urbano, para nós, representava uma libertação, a liberdade criativa total. Era, sobretudo, a nossa vontade livre e completamente empoderada para fazer o que a gente quisesse. É poesia que se vê. Os grandes fãs do *Cinema de Rua* são mais cativados por esse lado. Mas posso enumerar uma série de filmes que passam uma mensagem social. Há momentos em que assumimos uma bandeira e o filme vira uma ferramenta de denúncia.

Sua relação com a cidade é a de enxergar riquezas ocultas?

O que é transversal em todos os filmes é a cidade, é onde estou, é o meu contexto. Às vezes, estou predisposto a fazer um filme de um jeito, mas é preciso estar aberto. Se você insistir que quer contar a história do jeito que imaginou, o filme não vai funcionar. Fui passar férias na Bahia e fiquei todo o tempo tentando fazer um filme, sobre os mangues, os baianos. Mas ele

só se realizou no aeroporto, quando saí para fumar um cigarro, vi um menino jogando um avião de controle remoto e o filmei com o meu celular. A emoção, a energia que funcionou estavam ali. A essência está nas pessoas, no momento, nas relações, no cotidiano. Meu olhar faz a montagem. Adoro manipular também, mas a partir do real, dando um colorido diferente ao que se pescou da realidade.

Seriam, portanto, uma espécie de minidocumentários?

Há essa intenção. Boa parte da nossa essência é a do documentário. O Nicolaus trouxe um caráter mais estético, de grafismo, e fazemos polaroides urbanos com um recorte artístico nosso. Não há muita intervenção, essa coisa de simular, em nossos filmes. Captamos o real e nos apropriamos daquilo. Mas a construção poética às vezes joga contra, ela não pode estar muito presente em documentário.

Qual o veículo ideal para acolher um projeto como o *Cinema de Rua*: a TV, a internet?

Acho que tem mais a ver com a internet, porque ela é real time. Um filme chamado *A Chuva de Ontem* só faz sentido se publicado no dia seguinte ao da filmagem. Você assiste à chuva que te molhou, a que vivenciou. Na TV ele continua poético, mas ganha outro significado. A TV é direta, não há tanto espaço para poesia. Ela tem que informar e tem vícios que a fazem funcionar. Quando você faz um filme que, apesar do tempo curto, tem uma elaboração, é poético, e no dia seguinte as pessoas já assistem àquela reflexão, ainda se está na vivência daquele momento. Em geral, quando o filme vai para a TV, ele já não está mais quente. Por outro lado, o formato de curta funciona muito bem na TV. O espectador é pego desprevenido por uma narrativa que não imaginava. Às vezes, funciona melhor que no ímpeto do internauta que quer assistir, quer clicar, porque se torna mais surpreendente. Sob o ponto de vista da intenção do filme, funciona mais na internet. Mas, como esses filmes não têm um tipo de narrativa específico a ser seguido, alguns formatos acabam funcionando muito bem na TV, como no caso dos interprogramas, em que o espectador não sabe o que vai ver. O que mais me motiva é o documentário rápido, menor, mais acessível. O conteúdo dos interprogramas é mais direto, são coisas que se conseguem rapidamente contextualizar para contar uma história.

**A ESSÊNCIA ESTÁ NAS PESSOAS,
NO MOMENTO, NAS RELAÇÕES,
NO COTIDIANO. MEU OLHAR
FAZ A MONTAGEM**



O que houve com o que se ouve na TV

O ex-caminhoneiro Elvis Presley costumava desabafar mandando bala nos aparelhos de TV dos hotéis. Sentia-se sufocado, parte de uma engrenagem que, ao mesmo tempo que lhe dava tudo, o esmagava e era uma força da qual não adiantava tentar fugir. E olha que isso foi lá nos anos 1960.

Correndo as centenas de canais por assinatura da televisão da atualidade, Elvis talvez não tivesse mais aquela sensação de claustrofobia. Cinquenta anos depois daquela era de pioneirismo, a perda de audiência massiva aumenta a cada dia, e a criação de nichos de interesse segmenta o veículo. Tudo que sobrou são reality shows que simulam um ambiente similar ao das “peneiras” de futebol (e nos quais todos os postulantes berram como cantoras de R&B norte-americano) ou acompanham o cotidiano de astros aposentados do rock. Ozzy Osbourne levou seu cachorro, periquito, cozinheira e a família para a TV, encenando de forma paródica seu próprio processo de domesticação social. Gene Simmons, linguarudo líder do grupo Kiss, virou um golfista de condomínio na televisão americana.

Os músicos tornaram-se artífices de si mesmos no YouTube e em outros canais de divulgação da internet, assumindo papéis de produtores, atores, *filmmakers*, divulgadores. Vivem as delícias e os riscos da independência, mas de forma compulsória.

Não há mais a relação de dominação nem de onipresença da TV em relação à música. A TV não é mais aquela aliada, e também não é mais aquela inimiga. “É que a televisão me deixou burro muito burro demais. E agora eu vivo dentro dessa jaula junto com os animais”, dizia Arnaldo Antunes num dos grandes sucessos de uma das maiores bandas brasileiras dos anos 1980, os Titãs.

A TV era Deus e o Diabo na Terra do Bombril. Os artistas ou eram “puros” ou eram “absorvidos” por ela. Raul Seixas virou o Carimbador Maluco e Caubói Fora da Lei em programa infantil e no *Fantástico*. Kid Vinil, então vocalista da banda punk *Verminose*, levou à TV o programa que serviu como educação sentimental para todos os roqueiros do interior do País: o *Som Pop*.

Os roqueiros enxergavam a TV como um inimigo do seu espírito contracultural. Já os executivos da TV viam no rock que nascia e na MPB que emergia no País um pote de ouro no final do arco-íris. No Brasil, programas de TV como *O Cassino do Chacrinha*, *Silvio Santos*, *Raul Gil*, *Gugu Liberato* e *Domingão do Faustão* contribuíram para catapultar e tornar conhecidos gêneros como bossa nova, new wave, rap, rock, mas também disseminar uma ideia de uma música popular sob custódia, domesticada, massificada, obediente, manipulável.

Houve momentos, contudo, em que um e outro (rock e televisão) viveram quase em harmonia. Em 1983, a TV Cultura e o Sesc Pompeia iniciaram o projeto *Fábrica do Som*. “Era um programa onde o público estava muito presente. Mais do que marketing, mulheres e calcinhas, como rola nos auditórios hoje, era um evento de rock que queria revelar novos valores. Os Titãs, quando ainda eram do Iê-Iê, apareceram pela primeira vez na televisão no *Fábrica*. Barão Vermelho, Ultraje a Rigor, Arrigo Barnabé. Todos esse caras, ainda ‘frescos’, participaram”, lembrou outro dia o apresentador do *Fábrica do Som*, Tadeu Jungle.

A televisão ajudou a disseminar o rock’n’roll, que nasceu praticamente com a TV. Paralelamente a isso, os efeitos sociais do rock’n’roll se mundializaram e se tornaram massivos, suplantando barreiras de classe social, língua e formação intelectual e política. Virou um gênero sem fronteiras. Sem nacionalidade, com e sem ideologia. E a TV era seu aríete globalizante.

Manic Street Preachers tocaram na proscrita Havana, Cuba. *Uriah Heep* encheu a Praça Vermelha em Moscou. *The Clash* fez da Nicarágua um tour de force e o rap-metal do *Rage Against the Machine* foi crucial no apoio à luta dos zapatistas de Chiapas, no México (e até no apoio à luta do MST, em Itu, São Paulo). Na República Tcheca, Vaclav Havel agradecia a Lou Reed pela sua vitória política.

Ao mesmo tempo que a música passava a influenciar moda, política, comportamento e linguagem, ela era apropriada e transformada pelo veículo que a projetava. Não há almoço grátis.

Num determinado instante histórico, tudo pareceu caminhar para a simbiose definitiva. Foi em 1981, quando foi criada a MTV em Nova York. Ali, havia diluição e também reflexão. Nada acontecia antes de um videoclipe passar pelo crivo da MTV, e quando isso acontecia, estava forjado o fenômeno. As festas VMB criaram o encantamento de uma Hollywood musical, com glamour e geração de *gossips*. Sua última edição já tem uns cinco anos, e a orfandade traz consigo também um senso de nova realidade.

Hoje em dia, sites como MySpace e YouTube se tornaram rentáveis aliados da disseminação da música. Muitos artistas de grande repercussão são filhotes desse novo mundo, como Arctic Monkeys, Lilly Allen, Mallu Magalhães. Mas o que era liberdade vai se tornando também indistinção. Os vídeos musicais que chamam a atenção e projetam novos Midas da música são geralmente os que conjugam apelação e repetição. A telinha caiu na rede, e seu brilho novo atrai ainda mais mariposas.

Jotabê Medeiros é jornalista e crítico de música.

ÚLTIMO BLOCO

FOTO: PU D'IP



CLARA CROCODILO INSTRUMENTAL

O cantor e compositor Arrigo Barnabé se apresenta, no dia 21/6, às 21h30, em episódio inédito do Instrumental Sesc Brasil. No repertório, canções do álbum Clara Crocodilo, de 1980, em versões instrumentais, como: *Sabor de Quê?*; *As Desventuras de um Office Boy*; e *Boca da Noite*. No show, realizado em comemoração aos 35 anos do movimento Vanguarda Paulista, Arrigo Barnabé é acompanhado dos músicos: Maria Portugal (bateria); Maria Beraldo Bastos (clarinete); Joana Queiroz (clarone e sax); Ana Karina Sebastião (baixo); Mário Manga (guitarra); e Paulo Braga (piano). Ainda neste mês: Zé da Velha e Silvério Pontes, no dia 7/6; Sérgio Danilo, dia 14/6; e Leandro Braga, dia 28/6. **L**

FOTO: DIVULGAÇÃO



MEIO AMBIENTE EM DEBATE

O SescTV exhibe, neste mês, a *Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental*, com documentários realizados a partir de quatro eixos temáticos: água, energia, consumo e mudanças climáticas. O documentário *Quem Controla a Água* abre a programação, em 5/6, data em que se celebra o Dia Mundial do Meio Ambiente. Também serão apresentados os filmes: *Terra da Lua Partida*, dia 12/6; *Blood in The Mobile*, dia 19/6; e *Bag It*, dia 26/6. Curadoria de Chico Guariba. **Sextas, às 23h**. Confira a classificação indicativa no site.

COTIDIANO NA DANÇA

Oito coreografias do Balé da Cidade de São Paulo fazem parte do espetáculo *Dançographismus*, que o SescTV apresenta neste mês. As performances utilizam episódios pessoais e relatos cotidianos, como uma entrevista de emprego e até lutas marciais, para compor a estética da dança. O programa, dividido em duas partes, com exibições nos dias 12/6 e 19/6, traz ainda entrevista com os coreógrafos, que falam sobre seus processos de criação. Direção para TV: Antonio Carlos Rebesco. **Sextas, às 21h**. **L**

HISTÓRIA NAS RUAS

Marcos da história do Brasil narrados e comentados, a partir de leituras de trechos de textos, pelas pessoas nas ruas das cidades. Este é o foco da série *Na Sombra da História*, com direção do documentarista João Batista de Andrade, que o SescTV exhibe **todas as segundas, às 20h**. Dom João VI, no dia 1/6, traz ao debate as consequências da fuga da família real portuguesa e de sua vinda ao Brasil em 1808. Também neste mês, o canal exhibe outros quatro episódios inéditos da série: *Independência*, dia 8/6; *República*, dia 15/6; *Revoltas Populares*, dia 22/6; e *Urbanização e Movimentos Migratórios*, dia 29/6. Confira a classificação indicativa no site.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em sesctv.org.br/aovivo.

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

sesctv.org.br

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães
Redação: Adriana Reis e Edson Valente
Editoração: Ana Cláudia Imaizumi Pereira
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho
Direção de Programação: Regina Gambini
Coordenação de Programação: Juliano de Souza
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis
Divulgação: Jô Santana, Jucimara Serra e Glauco Gotardi
Estagiária: Carolina Pulice

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesctv.sescsp.org.br
Leia as edições anteriores em sesctv.org.br
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista à programação do SescTV ao vivo.

Nublu Jazz Festival

Dia 29/7
QUARTA
22H

Acompanhe o SescTV:
sesctv.org.br



/SESC TV